

Um Estudo Sobre a Produção de Sentidos e a Progressão Textual

Maria de Fátima de Oliveira Soares¹

RESUMO

O presente estudo pretende identificar como se dá a progressão temática e a construção de sentidos através dos mecanismos de referenciação, principalmente no que concerne às anáforas indiretas, sejam as associativas, as não-associativas e as encapsuladoras. O constructo teórico baseia-se no entendimento de Koch, Marcuschi e na leitura que Cavalcante e Francis fazem desses autores. A teoria de base linguística que dá sustentação a esses estudos é a sociocognitiva. O percurso da pesquisa parte, primeiramente, da apresentação teórica de alguns aspectos da teoria e em seguida à análise dos seguintes textos: O livro é passaporte, é bilhete de partida (Bartolomeu Campos Queirós); A timidez e a contradição (Luís Fernando Veríssimo) e Juventude: A utopia da onipotência (Flávio Gikovate). Por fim, apresentam-se as considerações sobre o resultado da análise dos textos tendo em vista o processo de progressão temática e de construção de sentidos.

ABSTRACT

This study aims at identifying how thematic progression and the construction of meaning take place through mechanisms of referentiation mainly regarding indirect anaphoras, be they associative or non-associative, be they encapsulating. The theoretical construct is based on Koch and Marcuschi's understanding, as well as on Cavalcante and Francis's reading of both these authors. The linguistic theory that supports these studies is the socio-cognitive one. Firstly, the course of the research starts off from the presentation of some aspects of the theory and moves to the analysis of the following texts: O livro é passaporte, é bilhete de partida (Bartolomeu Campos Queirós); A timidez e a contradição (Luís Fernando Veríssimo) e Juventude: A utopia

¹ Aluna especial do Mestrado 2010/UERJ e Professor de Língua Portuguesa na Fundação Técnico-Educacional Souza Marques.

da onipotência (Flávio Gikovate). Finally, the considerations on the result of the analysis are presented taking into account the processes of thematic progression and of construction of meanings.

1. INTRODUÇÃO

Estudar a produção de sentidos e a progressão textual é adentrar o campo da teoria Sociocognitiva, que concebe cognição e linguagem como socialmente constituídas. O sociocognitivismo surge do diálogo entre o cognitivismo clássico e o construtivismo sobre a aquisição da linguagem. A nova teoria vai considerar algumas noções instituídas pelo cognitivismo clássico, que considera a existência de fatores internos ou biológicos ao indivíduo, e pelas teorias construtivistas, como os aspectos sociais da aquisição da linguagem. Isto significa dizer que o sociocognitivismo compreende que o sujeito tem a faculdade da linguagem e do conhecimento, mas o insere na situação real de comunicação, em que os significados serão produzidos como construções mentais a serem legitimadas no fluxo da interação.

Para o sociocognitivismo, a realidade existe independente do sujeito, embora só a conheçamos a partir da sua perspectiva. A linguagem atua como guia no processo de significação no contexto de uso, no entanto, outros aspectos também são relevantes na produção do sentido, como os paralinguísticos, os supra-segmentais e os elementos socioculturais (gestuais, identidade institucionais, papéis sociais etc).

A partir dessa nova visão, refuta-se a ideia de que o significado está na linguagem. Para o sociocognitivismo, o sentido é resultado de uma atividade conjunta, desse modo, embora admita que a palavra possua uma base de sentido estabilizado, considera que o significado é construído na interação e na situação real de uso. Para Marcuschi (2007: 62) “A cognição passa a ser vista como uma construção social e não individual”. Ainda para Marcuschi (2007: 66) “as habilidades comunicativas não são puramente linguísticas, mas estão mescladas com outras [...] tais como o afeto, a imaginação, a memória, a atenção, as capacidades motoras e todas as formas de sensação humana.”

Com base nessa teoria, pretende-se analisar a produção de sentidos e o aspecto da progressão temática do corpus constituído dos seguintes textos:
i. O livro é passaporte, é bilhete de partida (Bartolomeu Campos Queirós);

ii. A timidez e a contradição (Luís Fernando Veríssimo) e iii. Juventude: A utopia da onipotência (Flávio Gikovate).

O processo em que se dá a progressão temática e a produção de sentidos, ou seja, o processo de referenciação, será analisado por meio das anáforas indiretas. Com essa finalidade, primeiramente serão apresentados alguns aspectos da base teórica relativa ao processo de referenciação para, em seguida, proceder-se à análise do corpus.

2. REFERENCIAÇÃO

Para a perspectiva sociocognitiva, a palavra não carrega a significação, pois o significado é entendido como uma base, uma espécie de modelo estabilizado, que atua como suporte para a criatividade de outras significações. Desse modo, é mister distinguir referência e referenciação.

O termo referência geralmente está associado ao modelo estruturalista que concebe uma relação entre língua e coisas (objetos do mundo real). Sob a perspectiva discursiva, o sentido é uma construção coletiva e a realidade construída não corresponde à realidade objetiva, mas a uma realidade discursiva, em que os referentes deixam de ser vistos como objetos de mundo e passam ao status de objetos discursivos. Devido a essa diferença, as abordagens teóricas atuais preferem o uso do termo referenciação para indicar que se trata de uma “atividade criativa” e não de referência, como nos termos clássicos. (MARCUSCHI, 2007: 69).

A referenciação é o processamento do discurso que implica escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece com a finalidade de construção do sentido. Os elementos selecionados nesse processo são responsáveis pela organização textual e pela manutenção da unidade temática.

Os elementos referenciais, termos/expressões, retomam outros termos/expressões do próprio texto, constituindo, assim, cadeias referenciais que se modificam ao longo do texto. Esses termos são conhecidos como anáfora e catáfora. A anáfora é o termo usado em um texto para retomar algo que já foi dito; a catáfora, ao contrário, refere-se a um termo que ainda vai ser mencionado.

Tendo em vista o objetivo da análise - o estudo da progressão textual e da produção de sentidos-, ficará adstrito na conceituação da anáfora

indireta e da anáfora associativa, embora possa reportar-se a outros tipos anafóricos.

3. ELEMENTOS REFERENCIAIS: ANÁFORA DIRETA E ANÁFORA INDIRETA

Koch e Marcuschi (1998) admitem que o texto, em uma visão macro, organiza-se e progride com base em dois processos gerais: sequencialidade e topicidade, o primeiro responsável pela progressão referencial e o último, pela progressão tópica. Ainda segundo os autores, trata-se de processos distintos, porém complementares, uma vez que é a progressão referencial que permite a unidade e o desenvolvimento do tópico.

A progressão referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso. Esta característica permite que os referentes não sejam tomados como entidades apriorísticas e estáveis, mas como objetos-de-discurso, tal como postulam Reichler-Béguelin/Apothélos (1995), entre outros. (KOCH, 1998)

É na progressão referencial que se encontra o estudo da anáfora, que é a introdução de um referente novo no texto, de modo a estabelecer uma relação direta (correferencial) ou indireta (não-correferencial) com o termo ou expressão dada, isto é situada no texto.

No primeiro caso, anáfora direta, Marcuschi (2005: 54-5) afirma

[...] o termo “anáfora, na teoria clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. [...] Em geral, postula-se que as AD retomam referentes previamente introduzidos, estabelecendo uma relação de co-referência entre o elemento anafórico e seu antecedente. [...] Na realidade, a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado. (MARCUSCHI, 2005: 54-55)

O estudo da anáfora indireta, na visão de Marcuschi (2005) amplia a noção de anáfora direta, por entender que não existe uma classe de pala-

vras com função anafórica, pois trata-se, na verdade, de “um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não de um simples processo de clonagem referencial”. (MARCUSCHI, 2005:55, grifos do autor)

[...] Essa visão clássica e linear da anáfora não considera o problema da referência textual em toda sua complexidade, pois nem sempre há congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente, nem toda anáfora recebe uma interpretação no contexto de uma atividade de simples atribuição de referente. (MARCUSCHI, 2005: 55)

O elemento anafórico, segundo a visão de Marcuschi, será o fundamento teórico do percurso que ora se propõe.

4. ANÁFORA INDIRETA

Koch inclui as anáforas indiretas na categoria de anáforas não-correferenciais em contraposição às anáforas correferenciais (anáforas diretas). (CAVALCANTE, 2005, p. 128). A anáfora indireta é caracterizada por referir-se a um elemento que funciona como âncora (fonte, gatilho ou desencadeador) entre um elemento que não está explícito, mas é detectado em outro elemento já expresso no texto.

A anáfora indireta, para Koch (2002) e Marcuschi (2005), é um processo de referência implícita, pois não possui um antecedente explícito no texto. No entanto, essas anáforas se ancoram em elementos presentes no co(com)texto socio-cognitivo e semântico, estabelecendo uma relação indireta. As anáforas são consideradas um caso de referência textual, porque são referentes construídos, no processo discursivo, pelos interlocutores. (CHAVES; MÉA, 2006)²

² CHAVES, Joseli Fagundes; MÉA, Célia Helena de Pelegrini Della. O papel da anáfora indireta na progressão textual. Disc. Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 7, n. 1, p. 137-158, 2006. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2006/OpapeltdqaAnafora.pdf>. Capturado em 28 abr 2010.

As anáforas indiretas dividem-se segundo Koch (apud CAVALCANTE; 2005: 128) em:

- *Anáfora associativa – identificável no contexto;*
- *Anáfora inferencial ou não-associativa – implícita, mas recuperável pelo conhecimento de mundo e compartilhado pelos participantes da interação verbal. Trata-se de uma construção dos referentes através de modelos mentais e nem sempre se refere a elementos do contexto, segundo Apótheloz e Reichler-Béguelin;*
- *Anáfora encapsuladora – resumitiva de uma porção anterior do texto.*

A divisão apresentada e base desse estudo não é consagrada. Outros estudiosos do assunto entendem outras divisões. Marcuschi (2005: 61), por exemplo, segue a classificação de Schwarz, que identifica dois tipos básico de anáforas indiretas: tipos semanticamente fundados e tipos conceitualmente fundados. No entanto, não se pretende, nesse trabalho, discutir sobre as classificações das anáforas indiretas, mas apenas a compreensão do fenômeno no sentido de veículo de produção temática e construção de sentidos.

5. ANÁFORAS ASSOCIATIVAS E NÃO ASSOCIATIVAS

Segundo Koch (2002: 109), a anáfora associativa é um subtipo das anáforas indiretas. É caracterizada por também não ter um referente literal explícito, mas subentendido pela relação de metonímia, inclusive as de meronímia.

A anáfora não-associativa, além de ser outro subtipo da anáfora indireta, caracteriza-se em exigir que o interlocutor ative seus conhecimentos baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo e conhecimento enciclopédicos. Por este motivo, diz-se também que o processo anafórico se dá inferencialmente, pois não existe uma fonte (referente contextual) explícita de ancoragem.

6. ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO

O encapsulamento anafórico, embora não pertença à tipologia de alguns autores, para Koch é um recurso textual que um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora de uma porção precedente do texto, a qual pode ser de extensão e complexidade variáveis. Segundo Conte (2003: 184) “o encapsulamento anafórico muito frequentemente ocorre no ponto inicial de um parágrafo e, então, funciona como um princípio organizador na estrutura discursiva [...]. Conte assume a tese de Wanda d’Addio (1988, 1990, apud CONTE: 2003: 181), segundo a qual o encapsulamento anafórico é primariamente uma categorização dos conteúdos do contexto precedente, que pode se realizar tanto por nomes genéricos como por nomes “axiológicos”. Nesse caso, o elemento anafórico, além de funcionar como princípio organizador, poderá ser usado com a função de argumentação.

Em relação ao eixo dado-novo, Conte (2003:182-3) defende que no encapsulamento anafórico, a paráfrase resumidora da porção do texto precedente, já dado, introduz um elemento novo, uma vez que não apareceu no texto precedente. Assim, ocorre como hipóstase, ou seja, a expressão encapsuladora passa a ser um novo referente discursivo.

7. EXPRESSÕES ROTULADORAS

Segundo Cavalcante (2001: 1) “as expressões rotuladoras são formadas por sintagmas nominais com núcleos precedidos de demonstrativo ou de artigo definido e acompanhadas ou não de qualificadores, ou de advérbio”.

Quanto à tese de Francis, é necessário esclarecer que a terminologia usada pela autora (2003), nesse caso, rotulação, não é a mesma usada por outros autores, que preferem considerar o evento como encapsulamento anafórico (CONTE, 2003), nominalizações (APOTHÉLOZ; CHANET, 1997 apud PENNA, 2006) e nomeações (CAVALCANTE, 2001 apud PENNA, 2006).

Francis (2003) identifica dois tipos gerais de rótulos, de acordo com a posição que ocupam em relação à parte do texto para a qual apontam: (i) retrospectivos: sua função é resumir informações dadas previamente no texto e, por isso, têm uma função anafórica; (ii) prospectivos: têm a função de indicar o tipo de expectativa que o leitor deverá ter sobre o desenvolvimento

do discurso. Os rótulos prospectivos têm natureza catafórica e possibilita ao leitor criar uma expectativa na sequência textual.

O rótulo retrospectivo não se refere a nenhum grupo nominal particular. Não é um sinônimo ou repetição de nenhum elemento precedente. Ao retomar uma extensão do discurso, ele orienta o leitor como a mesma deverá ser interpretada, o que servirá de base para o desenvolvimento do argumento subsequente. Os rótulos, segundo Francis, encerram, na maioria das vezes, força argumentativa, orientando o interlocutor no sentido de determinadas conclusões.

Levando em consideração a proposta do presente estudo e como não cabe, nesse momento, discutir os entendimentos teóricos a respeito dos temas supracitados, para a análise do corpus, considerar-se-á rótulo e encapsulamento como denominações sinônimas.

8. ANÁLISE DO CORPUS

Na análise do corpus, através dos mecanismos de referenciação elencados acima, pretende-se percorrer o fio do discurso procurando os endereços cognitivos de entrelaçamento textual, com a finalidade de compreender como se dá o processo de progressão temática e a construção de sentidos. Embora, nos textos, existam vários recursos de referenciação, dar-se-á preferência na identificação das anáforas indiretas, associativas, não-associativas e encapsuladoras como mecanismos de construção de sentidos e de progressão temática.

8.1. Texto 1: O Livro é Passaporte, é Bilhete de Partida – Bartolomeu Campos Queirós

A primeira questão que se impõe é a compreensão do título, o qual é propriamente o endereço final da construção de sentidos. O autor compara o livro a um passaporte, o que nos remete ao modelo mental de uma viagem, suspeita confirmada logo a seguir pela expressão metafórica complementar, o livro é também bilhete de partida.

A partir do título, pode-se compreender que o autor pretende mostrar ou até mesmo convencer seu leitor de que uma leitura equivale a uma viagem. Deduz-se daí que provar que a leitura é uma viagem é o projeto

de dizer de Bartolomeu Campos Queirós, porém, no quinto parágrafo, ele lança um novo tópico que redimensiona o sentido para a seguinte asserção: “o trabalho de aproximar o homem do livro”. Percebe-se, assim, que, na verdade, o que ele pretende no seu projeto de dizer não é apenas tocar o leitor, mas também tocar o formador de leitores, dando subsídios para o trabalho do professor. A análise do texto pretende compreender como se dá a progressão temática nesse sentido.

No primeiro parágrafo, percebe-se o uso frequente de meronímias:

Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre suas palavras e seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Este abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor. Cabe ao escritor estirar sua fantasia para, assim, o projetar seus sonhos.

As meronímias estão no tópico discursivo: “desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre suas palavras e seus silêncios”, os termos “escrita” e “palavra” podem ser considerados como meronímias do termo “livro” (no título) e do termo “texto” do próximo enunciado; este último (“texto”), por sua vez, pode ser considerado como meronímia do termo “livro”.

A partir do uso de meronímias, verifica-se o entrelaçamento do próprio tecido textual dentro de um mesmo propósito semântico, ou seja, do universo escritor/leitor.

Ainda nesse parágrafo, verificam-se expressões intrincadas semanticamente como é o caso de “ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre suas palavras e seus silêncios e para se enlaçarem pelas interações”. De tais expressões subjaz o seguinte significado: escritor e leitor viajam juntos. Essas expressões não retomam diretamente ou de forma associativa os termos anteriores, elas são não-associativas, são inferenciais, por exigirem algum conhecimento do leitor, ou seja, que o leitor tenha o modelo mental referente ao processo de leitura.

Mesmo que o leitor não construa um sentido para essas expressões, nos parágrafos seguintes, o autor reforçará seu argumento apresentando o mesmo sentido, mas por outras formas. O primeiro processo parte entre o

uso da metáfora “palavras são portas e janelas” e do termo “paisagem”. Nesse caso, trata-se de anáfora não-associativa inferida pelo conhecimento de mundo, em que o leitor ativa em sua memória o conhecimento sobre paisagem que pode ser vista por portas e janelas quando estão abertas e, que por ativação dos referentes passaporte e bilhete, intui-se que a paisagem aqui percebida é a que se dá quando se viaja. E essa viagem se dá através das palavras, das frases contidas no livro.

As palavras são portas e janelas. Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se.

Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida.

A expressão “viagens do pensamento”, contida na citação acima, é retomada no parágrafo seguinte pelos termos “imaginar”, “sonhos”, “devaneios” e “entendimentos”, todos relacionados por um processo de associação à âncora precedente “viagens do pensamento”.

A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos.

No sexto parágrafo, o autor aproveita o significado produzido anteriormente para concluir que não há como evitar a leitura, uma vez que ela faz parte da natureza humana, ou seja, do pensamento humano. “Experimento a impossibilidade de trancar os sentidos para um repouso”. Nessa expressão, o termo “sentidos” remete à expressão “viagens do pensamento”.

Com base nesse argumento, o autor completa seu raciocínio com o fato da necessidade humana de trocar ideias e experiências, ou melhor, da necessidade humana de ler o outro:

Reconheço, porém, um momento em que se dá o definitivo acontecimento: a certeza de que o mundo pessoal é insuficiente. Há que buscar a si mesmo na experiência do outro e inteirar-se dela. Tal movimento atenua as fronteiras e a palavra fertiliza o encontro.

Nesse parágrafo, pode-se observar a retomada do referente inaugurado no primeiro parágrafo com as expressões “se enlaçarem pelas interações”, “este abraço” e “um encontro fraterno”. Nesse sentido, é necessária a análise sobre a expressão “este abraço”, que é um caso de anáfora encapsuladora, que se dá através de um sintagma nominal constituído de um núcleo lexical, “abraço”, e um determinante, nesse caso, o pronome demonstrativo “este”. Essa expressão “Este abraço” retoma a frase anterior acrescentando um aspecto valorativo, deixando claro ao leitor o tipo de interpretação que deve ser dada à expressão, ou seja, a de uma ligação afetiva, não sendo tão somente um entrelaçamento, mas um entrelaçamento afetivo. O encapsulamento além de incorporar o dado também apresenta o novo (a afetividade), introduzindo um novo referente discursivo, induzindo o leitor ao próximo argumento inserido a partir daí. Completa esse entendimento a expressão “encontro fraterno”, possível entre leitor e escritor.

Outro encapsulamento anafórico encontrado no texto, mais especificamente no sétimo parágrafo, é “Tal movimento”, expressão composta por um núcleo nominal antecedido por um pronome demonstrativo, que retoma a última oração e, dessa vez, não imprime um valor, apenas resume a oração precedente para dar início a um novo tópico, que, mesmo não imprimindo um valor, percebe-se uma categorização do trecho anterior, que é apresentado como movimento, expressão que se liga ao verbo “buscar” acrescentando na forma verbal o aspecto dinâmico. Esse aspecto é oportuno visto que a leitura, como se entende hoje, é dinâmica, é uma interação entre autor e leitor, além disso, é uma procura de sentidos, de busca, de caça às pistas deixadas pelo autor.

Reconheço, porém, um momento em que se dá o definitivo acontecimento: a certeza de que o mundo pessoal é insuficiente. Há que buscar a si mesmo na experiência do outro e inteirar-se dela. Tal movimento atenua as fronteiras e a palavra fertiliza o encontro.

Os parágrafos nove e dez retomam o quinto parágrafo através de anáforas associativas encontradas nos seguintes termos: “iniciação à leitura”, “apresentar ao sujeito as letras”, “preparar o leitor para a decifração” e “ensinar a leitura”, todos os termos retomam “há trabalho mais definitivo, há ação mais absoluta do que essa de aproximar o homem do livro?” Esse recurso, dá continuidade ao tópico inserido no quinto parágrafo.

Há trabalho mais definitivo, há ação mais absoluta do que essa de aproximar o homem do livro?

[...]

A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas. É mais que preparar o leitor para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também consumi-lo. É mais que a incorporação de um saber frio, astutamente construído.

Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o homem para tomar da sua palavra. Ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças.

A partir da análise dos elementos de progressão temática, percebemos três argumentos na construção do sentido, o primeiro que é a apresentação do que se entende por leitura; o segundo, que trata a leitura como parte da natureza humana e da necessidade de compartilhamento e o terceiro, do objetivo do ensino da leitura. Com isso, chega-se a conclusão de que Bartolomeu Campos tem em mente dois leitores: aquele que pode ser um agente multiplicador e o próprio agente multiplicador ou professor. Ele objetiva “o fazer” pedagógico, mostrando “o ser” leitor.

8.2. Texto 2: A Timidez e a Contradição – Luis Fernando Veríssimo

O título “A timidez e a contradição” alerta para uma possível descrição do que seja timidez e contradição. O autor cria uma expectativa, pois aparentemente os termos não possuem nenhuma relação. Mas é a partir da

tese que é uma expansão do título, “ser tímido notório é uma contradição”, que encaminha o texto para uma argumentação.

A progressão temática nesse texto ocorre estrutura tema e rema. Ao tema, caracterizado pelo termo “tímido”, são acrescentadas informações novas.

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros, e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico: só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença.

No segundo parágrafo, a expressão “segundo minha tese” funciona como uma anáfora resumitiva do texto anterior. No mesmo parágrafo, o autor faz uso do nome de uma pessoa famosa e conhecida por ser uma figura exótica e extravagante, Elke Maravilha, para comprovar sua tese de que em toda pessoa extravagante, exibida existe um tímido tentando se esconder. Nesse caso, trata-se de uma anáfora não-associativa, cujo sentido deve ser buscado no conhecimento de mundo e enciclopédico. Especificamente, nesse elemento, o conhecimento sobre o artista é fundamental para a construção do sentido e da progressão temática.

Todo mundo é tímido, os que parecem tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido, ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido, a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de cada tímido existe um exibido gritando “Não me olhem, Não me olhem!” só para chamar a atenção.

No entanto, o que se percebe é que o desconhecimento acerca das características evocadas pelo nome do artista não prejudica a construção de sentidos, uma vez que o sentido não é único, sendo construído pelo leitor. No entanto, todos os sentidos serão ancorados no texto, através das marcas linguísticas. Por este motivo, a não compreensão de uma marca extralinguística não torna o texto incoerente linguisticamente.

O restante do texto segue o mesmo esquema tema/rema iniciado nos primeiros parágrafos. Sempre adicionando informações novas ao dado. Não obstante as contínuas repetições do tema, o texto não é monótono, pelo contrário, toda a dinâmica e força argumentativa encontram-se no rema, é ele que faz o texto progredir na construção do sentido.

8.3. Texto 3: Juventude: A Utopia da Onipotência – Flávio Gikovate

Em relação ao texto de Flávio Gikovate, *Juventude: a utopia da onipotência*, a produção de sentidos começa claramente no título quando, após a apresentação do núcleo do título, “juventude”, o autor dispõe de uma expressão com valor de adjetivo que especifica o sentido do termo núcleo, “utopia da onipotência”. O título já atua como uma tese e argumento do autor.

O tópico frasal do primeiro parágrafo apresenta uma tese, que a princípio parece contradizer o título, porém, no desenvolvimento do parágrafo, através de sentenças construídas com paralelismo sintático: “temos que nos comportar”; “temos que ser fortes”; “temos que mostrar autoconfiança sexual”; “temos que formar um juízo a nosso respeito”; “temos que ser ousados e corajosos”, comprova por esses argumentos as dificuldades de ser jovem. Essa repetição da forma verbal ressalta a imposição da sociedade nas escolhas do indivíduo. É como se não houvesse como evitar ou fugir desse comando. Essas sentenças funcionam como argumentos do tópico.

A adolescência é uma fase extremamente difícil da vida. Talvez a mais difícil. Temos que nos comportar como adultos sem dispor de cacife para isso. Temos que ser fortes e independentes quando ainda nos sentimos inseguros e sem autonomia de vôo. Temos que mostrar autoconfiança sexual, mesmo sendo totalmente inexperientes. Temos que formar um

juízo a nosso respeito "se possível positivo", mas nos falta vivência para aprofundar o autoconhecimento. Enfim, temos que ser ousados e corajosos, embora a cada passo surja o medo para nos inibir.

Uma observação interessante é que o autor se inclui na experiência do ser jovem (os verbos são usados na 3ª pessoa do plural). Esse fato corrobora com a idéia de que ser jovem dentro do modelo apresentado é uma característica comum ao ser humano, portanto, inevitável. Além disso, entende-se que o modelo de juventude exposto por Gikovate é um produto cultural, pois todos acabam seguindo os modelos sugeridos pela própria cultura.

No primeiro parágrafo os verbos usados produzem o sentido de obrigação, enquanto os verbos usados no segundo parágrafo produzem o sentido de um presente contínuo, o que dá a ideia de algo difícil de mudar, por fazer parte da prática cotidiana.

Embora mesmo havendo repetição de termos nos primeiro e segundo parágrafos (citados a seguir), parece tratar-se de exemplos de anáfora indireta, pois aos termos repetidos são acrescentados outros termos que trazem informações novas. Por esse motivo, acredita-se estar diante de anáforas não-associativas, uma vez que o processamento do sentido é inferencial, em que ao tema, informação dada, segue-se o rema (informação nova). Conforme Marcuschi (2005: 60) “pode-se dizer que a AI é uma espécie de ação remática e temática simultaneamente, uma vez que traz a informação nova e velha, produzindo uma ‘tematização remática’.

O que fazer? Frente a tantas incertezas, acabamos seguindo os modelos sugeridos pela própria cultura. Passamos a imitar nossos heróis, "travestindo-nos" de super-homens e de mulheres maravilha. Assim, encobrimos nossas dúvidas e inseguranças. Elas que sejam reprimidas e enviadas para o porão do inconsciente. Nós seremos fortes e destemidos, para nós nada de errado irá acontecer. Construimos uma imagem de perfeição, de criaturas especiais, particularmente abençoadas pelos deuses. Resultado: sentimo-nos onipotentes e, a partir daí, não há coisa no mundo que possa nos aterrorizar, uma vez que estamos revestidos de proteções extraordinárias.

No terceiro parágrafo, encontra-se um encapsulamento anafórico valorativo, que resume os dois parágrafos anteriores a “este ‘estado de graça’”. Com esse encapsulamento, Gikovate qualifica os parágrafos anteriores como “estado de graça” (aspas do autor). As aspas do sintagma nominal dão um realce à expressão, nesse caso, as aspas são como expoentes. Segundo Francis, o encapsulamento anafórico “é um tipo de subtítulo, que simultaneamente interpreta um parágrafo precedente e funciona como ponto de partida para um outro”, nesse caso, a rotulação resume e interpreta os dois parágrafos precedentes.

Este "estado de graça" irá perdurar por um tempo variável. É um período bastante complicado para as pessoas que convivem com o jovem, pois ele sabe tudo, faz tudo melhor, acha todo mundo "alienado" e "burro". Só ele é competente e sábio. No entanto para o próprio jovem, a fase parece muito positiva. Ele, finalmente, se sente bem, forte, seguro e não tem medo de experimentar situações novas. Pode montar o cavalo mais selvagem com a certeza absoluta que não cairá em hipótese alguma. Mais tarde, quando não for mais tão ousado e confiante, se lembrará dessa época da vida como a mais feliz. Afinal de contas, a sensação de euforia é sempre inesquecível.

No final do terceiro parágrafo, a expressão “dessa época da vida”, expressão indicial anafórica que remete aos termos “adolescência” (citado no primeiro parágrafo) e a “este ‘estado de graça’” (no início do parágrafo ora analisado) não só retoma os termos colaborando para a progressão referencial, mas também auxilia na construção de sentidos: de que juventude é uma época da vida, é um estado de graça e é passageiro.

Mais adiante, no sexto parágrafo além de se retomar a expressão “estado de graça” o autor acrescenta um encapsulamento anafórico com a expressão “desse sonho”, ratificando o sentido construído anteriormente.

Outro encapsulamento anafórico retrospectivo valorativo é encontrado no final do quarto parágrafo. Esse encapsulamento resume o terceiro o quarto parágrafo. Em “Sua ‘imortalidade’”, observa-se que o termo “imortalidade” também está aspeado, o que vem conferir ênfase no vocábulo. Essa ênfase no termo assinala uma força acima de qualquer vontade, de

destino, de onipotência utópica. Esse termo, como se pode observar, retoma indiretamente o título, ou seja, a tese do autor.

Na verdade ninguém teria nada contra a onipotência, se ela correspondesse à realidade. Porém não é isso que os fatos ensinam. Sabemos que, entre os jovens, são exatamente os mais confiantes aqueles que se envolvem em todo tipo de acidentes graves, quando não fatais. São esses jovens que dirigem seus carros na estrada, durante a madrugada, com o "pé na tábua". Não sentem medo porque "é óbvio que os pneus não irão estourar" e "é lógico que não irão adormecer ao volante". São estes jovens que saem de uma festa e, alcoolizados, vão a toda velocidade para praia. Sua "imortalidade" só é desmentida por um acidente fatal. Aliás, para ser sincero, parece incrível que não ocorra um maior número de acidentes.

Nesse texto, a progressão temática foi desenvolvida através do uso constante das anáforas indiretas, que contribuiriam como argumentos da tese do autor. A tese é o próprio projeto de dizer do autor, cujo sentido é construído através do apelo argumentativo das anáforas.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise dos textos conclui-se que, embora não apresentando os conectores argumentativos, tradicionalmente encontrados e estudados nas gramáticas, nos textos analisados algumas anáforas carregaram força argumentativa, sejam elas associativas, não associativas ou encapsuladoras. Esse fato suscita uma nova hipótese de trabalho no campo da argumentação, por exemplo: quais tipos de textos são propícios a esse tipo de construção?; quais tipos de valores argumentativos poderiam estar incutidos nas anáforas argumentativas?; quais tipos de conectores argumentativos poderiam ser substituídos pelas anáforas indiretas? No âmbito da Pragmática, quais as forças ilocucionais ou efeitos perlocucionários produzidos pelas anáforas argumentativas?

Em relação à análise dos textos, também se verificou que mesmo quando o processo de tematização remática é intenso, o texto progride

mantendo a unidade e a força argumentativa, o que faz sugerir, no âmbito da educação, que nem sempre a repetição de termos implica incorreção, e cabe ao professor estar atento para as possíveis produções de sentidos criados por esse mecanismo, mesmo que o aluno não esteja consciente do seu uso.

O percurso para a análise dos textos mostrou como este é construído, como foi entrelaçado para o surgimento do tecido, desvendando toda sua trama. Em cada nó, um entrelaçamento, uma progressão, um ponto para um sentido. Nesse momento, uso a metáfora do crochê de Koch (2007) “o texto é como crochê. Você dá o primeiro ponto, pega a agulha, puxa e dá outro, e assim vai. Quais elementos ajudam a puxar o primeiro ponto? Quais costuram as duas partes?”. Seguindo a tese da professora e ainda com a ajuda da metáfora do iceberg de Dascal (apud KOCH: 2005), a construção do sentido é isso, um ponto entrelaçado a outro ponto, cujo processo está nas profundezas do iceberg. Pode-se entender que a referenciação anafórica são os pontos e ao mesmo tempo o veículo para o mergulho.

É através das inferências propostas pelas anáforas que o leitor vai percebendo o projeto de dizer do autor. É assim que ele vai buscando um sentido para o texto. Sentido limitado pelos recursos linguísticos e extralinguísticos, mas variado a depender do conhecimento de mundo e enciclopédico do leitor.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. Para começo de conversa, qual é a relação entre Linguística cognitiva e Ciências cognitivas? In: Seminário do grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr002.htm>. Capturado em: 25 abr 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões rotuladoras. Revista Gelne, vol. 3, nº 1, 2001. Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano3_no1_23.pdf. Capturado em 29 abr 2010.

CHAVES, Joseli Fagundes; MÉA, Célia Helena de Pelegrini Della. O papel da anáfora indireta na progressão textual. Disc. Scientia. Série: Artes,

Letras e Comunicação, S. Maria, v. 7, n. 1, p. 137-158, 2006. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2006/OpapelDqaAnafora.pdf>. Capturado em 28 abr 2010.

CONTE, Mariaa-Elisabeth. Ecapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. Referênciação. São Paulo: Contexto, 2003.

FRANCIS, Gil. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. Referênciação. São Paulo: Contexto, 2003.

GIKOVATE, Flávio. Juventude: utopia da onipotência. Disponível em: <http://rubensfilho.blogspot.com/2010/06/entre-onipotencia-e-vulnerabilidade.html>. Capturado em: 28 abr 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Desvendando os segredos do texto. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Rotulação: uma estratégia textual de construção do sentido. Calidoscópico. Vol. 4, n. 2, p. 85-89, mai/ago 2006. Unisinos. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/calidoscopiov4n2/art01_calidoscopio_koch.pdf. Capturado em 28 abr 2010.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referênciação na produção discursiva.

D.E.L.T.A. São Paulo, v. 14, p. 169-190, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. Cognição, linguagem e práticas interacionais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 61-81.

MEDRADO, Betânia Passos. Espelho, espelho meu? Um estudo socio-cognitivo sobre a conceptualização do fazer pedagógico em narrativas de professoras. Disponível em: www.ufpe.br/pgletras/2006/teses/tese-betania.pdf. Capturado em 28 abr 2010.

MENEZES, Vanda Cardozo. Da referência à referenciação. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/resumos/PDF/Da%20refer%C3%Aancia%20%20referencia%C3%A7%C3%A3o%20-%20VANDA.pdf>. Capturado em 23 abr 2010.

PENNA, Maria Angélica de Oliveira. Construção de sentidos por formas nominais referenciais: anáforas associativas; rotulações e (re)categorizações. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/298.pdf>. Capturado em: 29 abr 2010.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. Profissão: professora. Língua portuguesa, São Paulo: Editora Segmento, n.19, p; 13-16, maio. 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. Disponível em: <http://www.monteirolobatocems.com.br/artigos/bartolomeu.html>. Capturado em: 23 abr 2010.

SOUSA, Fernanda Cunha. O que é Linguística cognitiva? Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/entretextos/pdf/01.pdf>. Capturado em 23 abr 2010.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. A timidez e a contradição. Disponível em: http://www.itaime.com.br/arquivos/material_portugues/teoria/redacao_ITA_Aula07.pdf. Capturado em: 29 abr 2010.

ANEXO 1 - O LIVRO É PASSAPORTE, É BILHETE DE PARTIDA - Bartolomeu Campos Queirós

1- Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre suas palavras e seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Este abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor. Cabe ao escritor estirar sua fantasia para, assim, o projetar seus sonhos.

2- As palavras são portas e janelas. Se debruçamos e reparamos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancamos as portas, o enredo do universo nos visita. Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se.

3- Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida.

4- A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade, com seus sonhos, seus devaneios e sua experiência. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos.

5- Há trabalho mais definitivo, há ação mais absoluta do que essa de aproximar o homem do livro?

6- Experimento a impossibilidade de trancar os sentidos para um repouso. O corpo vivo vive em permanente e vários níveis de leitura. Não há como ausentar-se, definitivamente, deste enunciado, enquanto somos no mundo. O corpo sabe e duvida. A dúvida gera criações, enquanto a certeza traça fanatismo.

7- Reconheço, porém, um momento em que se dá o definitivo acontecimento: a certeza de que o mundo pessoal é insuficiente. Há que buscar a si mesmo na experiência do outro e inteirar-se dela. Tal movimento atenua as fronteiras e a palavra fertiliza o encontro.

8- Acredito que ler é configurar uma terceira história, construída parceiramente a partir do impulso movedor contido na fragilidade humana, quando dela se toma posse. A fragilidade que funda o homem é a mesma que o inaugura, mas só a palavra anuncia.

9- A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas. É mais que preparar o leitor para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também consumi-lo. É mais que a incorporação de um saber frio, astutamente construído.

10- Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o homem para tomar da sua palavra. Ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem contudo perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças. (Texto extraído do livro : A formação do leitor/ Pontos de vista – Organizadores: Jason Prado e Paulo Córdini/ Leia Brasil – Programa de Leitura da Petrobrás – 1999)

ANEXO 2. A TIMIDEZ E A CONTRADIÇÃO - Luís Fernando Veríssimo

1- Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros, e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico: só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença.

2- Todo mundo é tímido, os que parecem tímidos são apenas os mais salientes. Defendo a tese de que ninguém é mais tímido do que o extrovertido, ninguém descobre sua timidez. Já no notoriamente tímido, a timidez que usa para disfarçar sua extroversão tem o tamanho de um carro alegórico. Daqueles que sempre quebram na concentração. Segundo minha tese, dentro de cada Elke Maravilha existe um tímido tentando se esconder e dentro de

cada tímido existe um exibido gritando “Não me olhem, Não me olhem!” só para chamar a atenção.

3- O tímido nunca tem a menor dúvida de que, quando entra numa sala, todas as atenções se voltam para ele e para sua timidez espetacular. Se cochicham, é sobre ele. Se riem, é dele. Mentalmente o tímido nunca entra num lugar. Explode no lugar, mesmo que chegue com a maciez estudada de uma noiva. Para o tímido, não apenas todo mundo, mas o próprio destino não pensa em outra coisa a não ser nele e no que pode fazer para embaracá-lo.

4- O tímido vive acochado pela catástrofe possível. Vai tropeçar e cair e levar junto a anfitriã. Vai ser acusado do que não fez, vai descobrir que estava com a braguilha aberta o tempo todo. E tem certeza de que cedo ou tarde vai acontecer o que o tímido mais teme, o que tira seu sono e apavora os seus dias: alguém vai lhe passar a palavra.

5- O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma platéia, o tímido não pensa nos membros da platéia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada individuo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para platéia fechar os olhos ou tapar um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó. (Luís Fernando Veríssimo, *Jornal do Brasil*, 10 mar. 1996)

ANEXO 3. JUVENTUDE: UTOPIA DA ONIPOTÊNCIA – Flávio Gikovate

1- A adolescência é uma fase extremamente difícil da vida. Talvez a mais difícil. Temos que nos comportar como adultos sem dispor de cacife para isso. Temos que ser fortes e independentes quando ainda nos sentimos inseguros e sem autonomia de vôo. Temos que mostrar autoconfiança sexual, mesmo sendo totalmente inexperientes. Temos que formar um juízo a nosso respeito - se possível positivo -, mas nos falta a vivência para aprofundar

o autoconhecimento. Enfim, temos que ser ousados e corajosos, embora a cada passo surja o medo para nos inibir.

2- O que fazer? Frente a tantas incertezas, acabamos seguindo os modelos sugeridos pela própria cultura. Passamos a imitar nossos heróis, “travestindo-nos” de super-homens e de mulheres-maravilha. Assim, encobrimos nossas dúvidas e inseguranças. Elas que sejam reprimidas e enviadas para o porão do inconsciente. Nós seremos os fortes e destemidos, para nós nada de errado ou ruim irá acontecer. Construimos uma imagem de perfeição, de criaturas especiais, particularmente abençoadas pelos deuses. Resultado: sentimo-nos onipotentes e, a partir daí, não há coisa no mundo que possa nos aterrorizar, uma vez que estamos revestidos de proteções extraordinárias.

3- Este “estado de graça” irá perdurar por um tempo variável. É um período bastante complicado para as pessoas que convivem com o jovem, pois ele sabe tudo, faz tudo melhor, acha todo o mundo “alienado” e “burro”. Só ele é competente e sábio. No entanto, para o próprio jovem, a fase parece muito positiva. Ele, finalmente, se sente bem, forte, seguro e não tem medo de experimentar situações novas. Pode montar o cavalo mais selvagem com a certeza absoluta de que não cairá em hipótese alguma. Mais tarde, quando não for mais tão ousado e confiante, se lembrará dessa época da vida como a mais feliz. Afinal de contas, a sensação de euforia é sempre inesquecível.

4- Na verdade, ninguém teria nada contra a onipotência, se ela correspondesse à realidade. Porém, não é isso que os fatos nos ensinam. Sabemos que, entre os jovens, são exatamente os mais confiantes aqueles que se envolvem em todo tipo de acidentes graves, quando não fatais. São estes jovens que dirigem seus carros na estrada, durante a madrugada, com o “pé na tábua”. Não sentem medo porque “é óbvio que os pneus não irão estourar” e “é lógico que não irão adormecer ao volante”. São estes jovens que saem de uma festa e, alcoolizados, vão a toda a velocidade para a praia. Sua “imortalidade” só é desmentida por um acidente fatal. Aliás, para ser sincero, parece incrível que não ocorra um maior número de acidentes.

5- Alguns jovens, onipotentes e filhos diletos dos deuses, andam de motocicleta sem capacete. Desafiam a chuva e o asfalto molhado, depois de usarem tóxicos ou ingerir álcool. Fazem curvas superperigosas. Não se intimidam porque “para eles nada de mal irá acontecer”. E morrem ou ficam paralíticos,

interrompendo vidas que poderiam ser ricas e fascinantes. Estes mesmos jovens utilizam drogas em doses elevadas porque se julgam imunes aos riscos da overdose e suas graves consequências. Chegam a compartilhar seringas, ao injetar tóxicos na veia, pois “é claro que não terão AIDS”. E, pela mesma razão, continuam a ter relações sexuais com parceiros desconhecidos, sem sequer tomar o cuidado de usar camisinha.

6- Aqueles que não morrem ou não ficam gravemente doentes, um dia acordam desse sonho em que flutuavam em “estado de graça”. Acordam porque lhes aconteceu algo: aquele acidente considerado impossível. Caíram do cavalo. Eles também são mortais! Então, tomam consciência de toda a insegurança e de toda a fragilidade que os levaram a construir a falsa armadura da onipotência. Ao se tornarem criaturas normais, sentem-se fracos. Antes era muito melhor. Sim, mas era tudo mentira. Agora, o mundo perdeu as cores vibrantes da fantasia. Vestiu os meios-tons da realidade. Eles não conseguiram domar o cavalo selvagem e foram derrubados no chão. Terão de aprender a cair e se levantar. Terão de aprender a respeitar mais os cavalos! Terão de saber que todas as doenças, todos os acidentes, todas as faltas de sorte poderão persegui-los. E - o que é mais importante - terão de enfrentar com serenidade a plena consciência de que são vulneráveis. Este é um dos ingredientes da maturidade: ter serenidade na viagem da vida, mesmo sabendo que tudo pode nos acontecer. (Flávio Gikovate é médico psicoterapeuta, pioneiro da terapia sexual no Brasil.